



A DEMOCRACIA RACIAL VIVA ENQUANTO MITO

AUTOR(ES): GIULIA MARQUES DE LIMA MIRANDA, BEATRIZ FERREIRA DIAS, LUCAS MILTON PRATES CRUZ, LUCAS FIGUEIREDO DE OLIVEIRA

Objetivo: Analisar o debate acerca da democracia racial à luz dos pensamentos de Gilberto Freyre e Florestan Fernandes. Método: Estudo qualitativo, exploratório e bibliográfico, no qual os dados foram coletados na base de dados SciELO, utilizando-se das palavras-chave: democracia racial, Gilberto Freyre e Florestan Fernandes. Resultados: Na concepção de Gilberto Freyre, a miscigenação contribuiu para a harmonização das relações raciais, o que o levou a asseverar a inexistência do preconceito, fundamentando, portanto, a democracia racial. Florestan Fernandes, em contrapartida, por meio de uma pesquisa a pedido da UNESCO e baseado em um estudo de Donald Pierson, de 1940, constatou que no Brasil havia a tolerância racial, que se difere da igualdade afirmada por Freyre, evidenciando, assim, o mito da democracia racial. Conclusão: Conclui-se que Florestan Fernandes foi o que mais correspondeu à estrutura social ao afirmar que a democracia racial inexistente, constituindo-se como mito visto que há uma predominância da tolerância, resultado de um processo de miscigenação que, ao invés de incluir, historicamente exclui grupos minoritários, contudo não rejeita a possibilidade da efetivação da democracia racial no futuro.